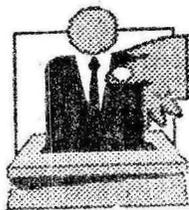


# Eleição promete tornar Senado mais feminino

■ Candidatas disputam com chances ingresso na Casa que há 15 anos era reduto masculino e hoje tem apenas duas mulheres

ELIANA LUCENA  
BRASÍLIA

— Há 15 anos, quando a suplente de senadora pela Arena do Amazonas,



Eunice Michilles, assumiu uma cadeira no Senado com a morte do titular, um *frisson* tomou conta dos parlamentares. Enquanto discutiam se a colega deveria ser tratada de senadora ou senatriz e o senador Lomanto Júnior molhava a recém-chegada com um copo d'água derubado desastrosamente, Eunice enfrentava o pânico de ser a primeira senadora da história do país.

Essas cenas, lembradas com muito humor pelo senador Jarbas Passarinho (PPR-PA), são coisas do passado. Hoje, há duas mulheres no Senado, mas já é comum, por exemplo, a senadora Júnia Marise (PDT-MG), 3ª secretária da Casa, presidir uma sessão, diante de 79 senadores e a senadora Marluce Pinto (PTB-RR). “É um avanço grande, estamos rompendo com um tabu”, afirma Júnia Marise, que vê o Senado dos anos 90 com

um perfil menos conservador. Para consolidar este avanço, em vários estados há candidatas que disputam com chances o Senado.

**Volta** — Como suplente do senador e candidato do PSDB à Presidência, Fernando Henrique Cardoso, a socióloga Eva Blay também se empolgou com a experiência que viveu durante um ano e sete meses no Senado, enquanto o titular comandava o Itamarati e a Fazenda. Presidente do Conselho da Condição Feminina durante o governo Franco Montoro, em São Paulo, ela diz que conseguiu motivar os senadores para temas como planejamento familiar.

“Os senadores aprovaram um projeto meu que, além de garantir à população acesso aos métodos de controle da natalidade — inclusive laqueadura de trompas e vasectomia —, prevê programas de orientação sexual”, comemora Eva Blay. Outro projeto seu, mais polêmico, que descriminaliza o aborto, ainda está no Senado.

De volta à Universidade de São Paulo, a socióloga diz que gostaria de retornar ao Senado. Mas só conseguiu espaço no PSDB para se

candidatar à Câmara. “Há 30 anos trabalhando com movimentos voltados para a mulher, senti no Senado que tinha uma grande responsabilidade pela frente”, afirma Eva, que faz campanha com o *slogan* “Melhor para a mulher, melhor para todos”.

**Filha de JK** — Chegar ao Senado, também é meta da vice-governadora do Distrito Federal, Márcia Kubitschek. Com apoio do governador Joaquim Roriz, disputa a vaga pela coligação PP-PTB-PFL-PMDB e está tecnicamente empatada nas pesquisas com o candidato do PT, Lauro Campos. A candidata diz que o Senado não a intimida, e que seu pai, o presidente Juscelino Kubitschek, sempre a incentivou a seguir a carreira política. “Fui eleita deputada federal por Brasília com outras 25 mulheres de todo o país, em 86. O Senado é um mundo mais masculino, rígido, mas nem por isso me assusta”, diz Márcia.

A pioneira Eunice Michilles, hoje conselheira do Tribunal de Contas do Amazonas, foi recebida com flores e poesia pelos senadores em

1979. “Eles foram simpáticos, cercaram-me de homenagens, mas eu sentia que ainda não acreditavam em mim como colega”, conta.

Além do impacto inicial do convívio com os senadores, Eunice política, enfrentou dificuldades de ordem prática. Não existia banheiro feminino nas proximidades do plenário, onde, também, as mulheres não entravam de calças compridas. Esta era uma reivindicação antiga das funcionárias do Senado que a senadora levou adiante com sucesso. O mandato seguinte de Eunice foi de deputada. “Considero o trabalho no Senado mais interessante. Mesmo sendo um clube mais fechado, criam-se laços afetivos mais facilmente do que na Câmara”, compara.

O senador Jarbas Passarinho garante que os tempos são outros e que as atuais senadoras têm desempenhado papel importante no parlamento. “Em 79, quando a Eunice chegou, o pessoal ficou assanhado, por culpa do inesperado. A senectude era a imagem que o Senado passava. Depois vieram outras senadoras, e o *frisson* passou”, diz.